

UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
CAMPUS CHAPECÓ
CURSO DE PEDAGOGIA

PAOLA WILK CAVALHEIRO
RAQUEL CRISTINA BONATO

QUANDO AS CRIANÇAS SE ENCONTRAM COM A NATUREZA:
OS ESPAÇOS EXTERNOS E SUAS POSSIBILIDADES NA EDUCAÇÃO INFANTIL

CHAPECÓ
2021

PAOLA WILK CAVALHEIRO
RAQUEL CRISTINA BONATO

**QUANDO AS CRIANÇAS SE ENCONTRAM COM A NATUREZA:
OS ESPAÇOS EXTERNOS E SUAS POSSIBILIDADES NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Trabalho de Conclusão de Curso de graduação
apresentado ao Curso de Pedagogia da Universidade
Federal da Fronteira Sul (UFFS), como requisito para
obtenção de título de Licenciatura em Pedagogia.

Orientadora: Andréa Simões Rivero

CHAPECÓ

2021

Bibliotecas da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS

Cavalheiro, Paola Wilk. Bonato, Raquel Cristina
Quando as crianças se encontram com a natureza: os
espaços externos e suas possibilidades na educação
infantil / Paola Wilk Cavalheiro; Raquel Cristina
Bonato. -- 2021.
40 f.

Orientadora: Professora Doutora Andrea Simões Rivero

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) -
Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de
Licenciatura em Pedagogia, Chapecó, SC, 2021.

1. Educação Infantil, Espaços Externos, Natureza,
Infância, Crianças. I. Rivero, Andrea Simões, orient.
II. Universidade Federal da Fronteira Sul. III. Título.

PAOLA WILK CAVALHEIRO

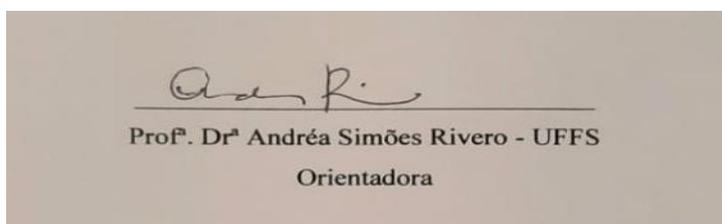
RAQUEL CRISTINA BONATO

**QUANDO AS CRIANÇAS SE ENCONTRAM COM A NATUREZA:
OS ESPAÇOS EXTERNOS E SUAS POSSIBILIDADES NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Trabalho de Conclusão de Curso de graduação
apresentado ao Curso de Pedagogia da Universidade
Federal da Fronteira Sul (UFFS), como requisito para
obtenção de título de Licenciatura em Pedagogia.

Este trabalho foi defendido e aprovado pela banca em 14/10/2021

BANCA EXAMINADORA



Prof.ª Dr.ª Erone Hemann Lanes - URI

Avaliadora

Prof.ª Dr.ª Katia Aparecida Seganfredo - UFFS

Avaliadora

RESUMO

O presente trabalho realiza uma análise de estudos e pesquisas acerca dos espaços externos e das relações com a natureza na educação infantil, dirigindo atenção a aspectos como a prática pedagógica, à intencionalidade das proposições e às significações produzidas pelas crianças em suas vivências nesses espaços. Para tanto, pretendeu-se realizar uma pesquisa bibliográfica de cunho qualitativo, desenvolvida por meio de busca e análise de textos selecionados nas plataformas da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPEd) junto ao Grupo de Trabalho 07 - Educação de Crianças de 0 a 6 Anos (GT07), Revista Zero-a-Seis (NUPEIN/UFSC) e Google Acadêmico, a fim de analisar as contribuições da produção científica à temática. A partir da seleção e análise pormenorizada dos trabalhos, constatou-se certa escassez da produção científica, no âmbito das 3 plataformas no período delimitado, no que tange à relação de bebês e crianças bem pequenas com os espaços externos e com a natureza. Ao mesmo tempo, há indícios de que a temática está ganhando reconhecimento quanto às suas possibilidades na educação infantil, entre elas a construção de experiências significativas, a ampliação da imaginação e a construção da consciência ambiental. Há também indicativos de que o planejamento pedagógico precisa contemplar experiências diversas, regulares e prolongadas nas áreas externas das instituições, ampliando e diversificando as vivências das crianças. A partir do percurso realizado é possível dizer que, apesar de perceber-se um interesse sobre a temática, a necessidade de ampliação e aprofundamento de pesquisas na área de educação infantil é incontestável.

Palavras- Chave: Educação Infantil. Espaços externos. Natureza. Infância. Crianças.

ABSTRACT

The present research conducts an analysis of studies and research about outer spaces and the relationship with nature in early childhood education, paying attention to aspects such as pedagogical planning, the intentionality of propositions and the meanings produced by children in their experiences in those spaces. Therefore, it was conducted a bibliographical research of a qualitative nature, developed through the search and analysis of selected researches on the platforms of the National Association of Graduate Studies and Research in Education (ANPEd) with the Working Group 07 - Children's Education from 0 to 6 Years (GT07), from Revista Zero-a-Seis (NUPEIN/UFSC) and from Google Scholar, in order to analyze the contributions of scientific production in the field. From the selection and detailed analysis of the researches, a certain scarcity of scientific production was found, within the scope of the 3 platforms in the delimited period, regarding the relationship of babies and very young children with outer spaces and with nature. Whilst there are indications about this field gaining recognition in terms of its possibilities in early childhood education, including the construction of significant experiences, the expansion of imagination and the construction of environmental awareness. There are also indications that the pedagogical planning needs to contemplate diverse, regular and prolonged experiences in outer spaces of institutions, expanding and diversifying children's experiences. Considering the path taken, it is possible to say that, despite the interest involving the field, the need for expansion and deepening of the research in the field is indisputable.

Keywords: Early Childhood Education.Outer Spaces. Nature. Childhood. Children.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Trabalhos selecionados	17
---	----

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ANPEd	Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação
BNCC	Base Nacional Comum Curricular
CCr	Componente - Curricular
COEDI	Coordenação Geral de Educação Infantil da Secretaria de Educação Básica do MEC.
FORPREd	Fóruns Regionais de Coordenadores de Programas de Pós-Graduação em Educação
GT07	Grupo de Trabalho 07 - Educação de Crianças de 0 a 6 Anos da ANPEd
MEC	Ministério da Educação
NDI	Núcleo de Desenvolvimento Infantil da Universidade Federal de Santa Catarina
NUPEIN	Núcleo de Estudos e Pesquisas da Educação na Pequena Infância da Universidade Federal de Santa Catarina
SEF	Secretaria do Estado e da Fazenda
UFPR	Universidade Federal do Paraná
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina
UNIOESTE	Universidade Estadual do Oeste do Paraná
UNIRIO	Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
UNISINOS	Universidade do Vale do Rio dos Sinos
UNISUL	Universidade do Sul de Santa Catarina
URI	Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões

SUMÁRIO

1 OS ESPAÇOS EXTERNOS E AS RELAÇÕES COM A NATUREZA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: CONSIDERAÇÕES INICIAIS	10
2 OS CAMINHOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA	15
2.1 TRABALHOS LOCALIZADOS NAS REUNIÕES NACIONAIS DA ANPED	19
2.2 TRABALHOS LOCALIZADOS NAS REUNIÕES REGIONAIS DA ANPED	20
2.3 TRABALHOS LOCALIZADOS NA REVISTA ZERO-A-SEIS	20
2.4 TRABALHOS LOCALIZADOS NO GOOGLE ACADÊMICO	21
3 CONTRIBUIÇÕES DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA SOBRE ESPAÇOS EXTERNOS E RELAÇÕES COM A NATUREZA NA EDUCAÇÃO INFANTIL	23
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	35
REFERÊNCIAS	37

1 OS ESPAÇOS EXTERNOS E AS RELAÇÕES COM A NATUREZA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: CONSIDERAÇÕES INICIAIS

As instituições de Educação Infantil têm um compromisso primordial com o desenvolvimento integral das crianças e com a articulação de suas experiências e saberes com os conhecimentos que fazem parte do patrimônio cultural, artístico, ambiental, científico e tecnológico (BRASIL, 2009). Desta forma, é necessário que o trabalho nesses contextos institucionais considerem as especificidades da atuação pedagógica com a infância, promovendo situações e espaços que possam ampliar e diversificar as múltiplas experiências e as relações necessárias à constituição da infância como um tempo de direitos, exigindo uma ruptura com práticas higienistas, espontaneístas e escolarizantes que antecipam a lógica do ensino fundamental.

Os documentos orientadores¹ da política nacional para a educação infantil, buscam responder à demanda por uma educação ambiental que contemple todos os níveis, bem como a necessidade de promover o contato das crianças com a natureza, contudo, faltaria diálogo entre as diferentes instâncias, além de “uma pluralidade de concepções no que concerne os modos ou os fundamentos nos quais se deve pautar a relação da criança com a natureza na Educação Infantil” (SANTOS, 2016, p. 108).

No âmbito dos estudos e discussões sobre os espaços mais apropriados às crianças, se articulam conhecimentos e reflexões diversas, entre eles sobre processos de socialização, de interação entre seus pares e com as professoras, a exploração do ambiente, o brincar, o movimento, e a descoberta de novas possibilidades que considerem e valorizem as ações e significações das crianças, nos quais o educar e o cuidar se fazem presentes e caminham juntos, de forma indissociável, proporcionando “condições às crianças para explorar o ambiente, [pois] é dessa relação que a criança irá construir significados e sentidos e irá se constituindo enquanto sujeito na interação com os outros e com o espaço” (SOUZA, 2017, p. 72).

Quando foca-se o debate na organização e relações a serem estabelecidas com e nos espaços, torna-se fundamental pensar nas especificidades dos sujeitos e no fato de que vivem

¹ Entre os documentos citados pela autora, destacamos, sobretudo, as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (BRASIL, 2009).

grande parte da infância nas instituições educativas. Referente a isso, Guimarães (2012, p. 90) discorre que “se considerarmos uma criança ativa, exploradora e criadora de sentidos, é preciso pensar um espaço e um educador que dêem apoio a seus movimentos, que incentivem sua autoria e autonomia, que contribuam para a diversificação de suas possibilidades”.

Por conta disso, é necessário compreender que os espaços externos podem ser tão influentes para as experiências e aprendizagens dos bebês, crianças bem pequenas e crianças pequenas² quanto os internos, sendo cada um deles compreendidos como prolongamento do outro, tendo em vista uma proposta pedagógica “que rompe com a perspectiva de uma pedagogia tradicional e conservadora, que tem suas bases calcadas numa criança individualizada, isolada, descontextualizada e padronizada, que a vê como objeto de intervenção pedagógica” (AGOSTINHO; LIMA, 2015, p. 60). Nesse sentido, esses espaços devem propiciar uma diversidade de experiências e explorações que podem vir a ser vivenciadas nesse meio, possibilitando que a criança possa ser tudo o que pode ser, ao mesmo tempo que a faça se sentir acolhida e segura (CRUZ E CRUZ, 2017, p. 79).

Nessa direção, o presente texto constitui-se no Trabalho de Conclusão de Curso que compõe o processo formativo na Licenciatura em Pedagogia, no qual realizamos uma análise voltada aos estudos e discussões acerca da importância dos espaços externos e das relações com a natureza na educação infantil, considerando aspectos como a prática pedagógica, a intencionalidade das proposições e às significações produzidas pelas crianças em suas vivências nesses espaços.

Nosso interesse pelo tema surgiu durante o período em que cursamos o componente curricular de *Docência com Bebês: dimensões teórico-práticas*, ofertado por nossa orientadora como componente optativo do curso de Pedagogia, na Universidade Federal da Fronteira Sul - *Campus Chapecó*. Em seu decorrer, realizamos leituras e estudos de produções teóricas e tivemos acesso à apresentações de pesquisadoras que realizaram investigações sobre a educação de bebês em instituições de educação infantil. A aproximação às discussões da área provocaram-nos muitas inquietações acerca da valorização e qualidade dos espaços externos ocupados pelas crianças em contextos de educação infantil.

A pesquisa de Luciane Simiano (2014) e a sua apresentação no referido CCr, também teve grande contribuição para a escolha da temática, visto que a autora defende de modo

² Os termos bebês, crianças bem pequenas e crianças pequenas são utilizados neste trabalho com a intenção de dar visibilidade às suas especificidades, porém, não se tem a intenção de compartimentar as crianças. O documento *Práticas Cotidianas na Educação Infantil: Bases para a reflexão sobre as orientações curriculares* (BRASIL/MEC/SEB/2009) define como *bebês* aquelas crianças de 0 a 18 meses, *crianças bem pequenas* aquelas entre 19 meses e 3 anos e 11 meses e como *crianças pequenas* aquelas entre 4 anos e 5 anos e 11 meses.

muito consistente a necessidade do espaço da creche como potencializador de experiências, ao mesmo tempo em que permite, incentiva e sustenta a interação dos sujeitos que a frequentam.

Os estudos e discussões realizados somaram-se à nossa própria experiência em contextos de educação infantil, visto que quando atuamos como agentes educativas em instituições de educação infantil de uma rede pública municipal percebemos que os espaços externos não eram locais priorizados no planejamento, no sentido de prever tempos e organizar os espaços visando intencionalmente possibilitar movimentos de exploração e descobertas.

Cada vez mais, portanto, passamos a questionar as formas de utilização dos espaços externos e a desnaturalizar a permanência prolongada nos espaços internos das instituições de educação infantil. É neste sentido, que passamos a nos interessar pelo tema e nos mobilizamos a realizar esta pesquisa. Nesse processo nos questionamos: como os estudos sobre a temática “espaços externos em contextos de educação infantil” vêm contemplando as especificidades presentes na Educação Infantil de acordo com cada grupo etário? Há quantidade significativa de publicações e pesquisas sobre os espaços externos nessas instituições? Como estes estudos podem contribuir para a melhoria das práticas na educação infantil?

Conforme nos aproximamos de algumas reflexões e indicativos contidos nas produções teóricas (SIMIANO, 2014; CORSINO, 2006; FLORA, 2019) na área da educação infantil, com a intenção de fazer as primeiras aproximações à temática, foi ficando mais evidente o quanto os espaços externos das instituições educativas são pouco aproveitados e valorizados, nos instigando a novos questionamentos: o que revelam os estudos na Educação Infantil acerca da utilização e contato com espaços externos e natureza? Como os espaços externos são contemplados na realização das práticas?

Dessa forma, nota-se que ampliar o olhar para os espaços externos se traduz como uma forma de ressignificar os espaços disponíveis nas instituições, ao mesmo tempo em que se abrem novos leques para as crianças explorarem, experimentarem e, conseqüentemente, permite que se desenvolvam e aprendam de modo mais significativo. É por conta desse fator que defende-se, como descrito por Tiriba (2010) um desemparedamento dos sujeitos nas instituições educativas, desemparedamento este que refere-se à ação de conquistar os espaços para além dos muros da escola, tendo em vista que todos os espaços escolares são reconhecidos pela autora como propícios de aprendizagens, oferecendo a eles a chance de assumir os espaços externos do ambiente que frequentam.

Souza (2017, p. 64) destaca que “toda cultura e linguagem corporal tem sua base na natureza, por isso tratar a relação das crianças com a natureza é fundamental, tendo impacto sobre o seu desenvolvimento e sua relação com o mundo”. Dessa maneira, a relação com a natureza também se faz importante pelo fato de que devemos proporcionar situações, vivências e/ou experiências que possibilitem às crianças a compreensão sobre o grande valor que ela tem em nossas vidas. Por conta disso, o contato mais direto com a natureza nas instituições educativas se apresenta como oportunidade para novas aprendizagens de forma mais significativa, sendo a própria preservação ambiental uma delas.

Nesse sentido, Flores e Soares (2017, p. 111) afirmam que é nas áreas externas das instituições que “se estabelece fortemente o contato das crianças com os elementos da natureza, onde se realizam brincadeiras ao ar livre e onde as crianças ficam mais à vontade para interagir sem a vigilância constante de um adulto”. Portanto, cabe ressaltar que mesmo que o adulto seja responsável pela organização do tempo e espaço na educação infantil, ele não pode ignorar ou impedir as iniciativas das crianças, já que as ações de exploração e descoberta realizadas por iniciativa das próprias crianças, possibilitam aprendizagens significativas, além de necessárias à constituição de sujeitos como partícipes do processo educativo.

Ao atentarmos para a importância dos espaços externos nas instituições de educação infantil e diante da impossibilidade de realizar uma pesquisa de campo em função da pandemia de Covid-19, decidimos realizar um mapeamento das produções científicas, publicadas entre o recorte temporal de 2015 e 2020, sobre o tema nas bases de dados de 3 plataformas digitais. A plataforma do Grupo de Trabalho 07- Educação de Crianças de 0 a 6 Anos (GT07) da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPED), que reúne estudos acerca da educação infantil, gerando contribuições importantes para a educação das crianças de 0 a 5 anos.

Utilizamos também a plataforma da Revista Zero-a-Seis (NUPEIN-UFSC), que fomenta a divulgação da produção científica sobre a pequena infância, bem como a plataforma do Google Acadêmico, que permite pesquisar literatura acadêmica como os artigos, dissertações e teses selecionados para compor este trabalho. Destacamos a opção por estas plataformas devido a critérios como a frequência que estas são atualizadas e a possibilidade em realizar uma maior seleção de trabalhos com o foco de nosso tema, devido a possibilidade de usar um grande número de descritores (no caso do Google Acadêmico) ou ao espaço específico destinado às publicações relacionadas à infância (como a Revista Zero-a-Seis e o Grupo de Trabalhos - 07).

Assim, com a intenção de ampliar nossos conhecimentos, objetivamos com esse trabalho analisar as contribuições da produção científica da área da educação infantil acerca da importância dos espaços externos e as relações com a natureza nas práticas pedagógicas desenvolvidas com todas as etapas da Educação Infantil.

Na sequência definimos os objetivos específicos que orientaram a nossa investigação e o aprofundamento teórico sobre o tema:

- Realizar uma revisão de literatura acerca do tema em publicações da área de educação infantil.
- Compreender a importância dos espaços externos e as possibilidades de inclusão de vivências nesses lugares na prática pedagógica.
- Analisar o que as produções científicas discutem sobre as possibilidades de interação de crianças com a natureza nas áreas externas das instituições.

Diante do exposto, podemos dizer que entendemos que os espaços possuem um papel muito relevante para a educação e desenvolvimento das crianças nas instituições educativas. Porém, quando se faz referência aos ambientes disponíveis nas instituições, muitas vezes as reflexões e diálogos que devem embasar o planejamento da docência não chegam até os espaços externos, muito menos nas práticas que contemplam os grupos etários da Educação Infantil.

Assim, segundo Cruz e Cruz (2017, p. 72) “a organização do ambiente da instituição de educação infantil nunca é neutra, mas reveladora da concepção pedagógica e dos princípios predominantes sobre educação, criança e processos de ensino e aprendizagem”, o que nos faz questionar sobre o lugar que os espaços externos ocupam nas práticas pedagógicas e o modo como os mesmos são aprofundados nas pesquisas nacionais.

Cabe destacar, que as crianças tendem a se desenvolver e a aprender a partir das situações e experiências que lhes são possibilitadas, desse modo é crucial compreender que a educação não pode ser um movimento que prive esses sujeitos das mais variadas formas de experimentar e de se relacionarem com o mundo. A escola é lugar de viver (TIRIBA E SANTOS, 2015 *apud* TIRIBA E FLORES, 2016), portanto, a educação precisa seguir um movimento de corpo inteiro, que potencializa a existência.

Reconhecendo que as relações estabelecidas nos espaços externos diariamente são de fundamental importância para a efetivação do desenvolvimento integral e a constituição social e cultural das crianças, vimos a necessidade de nos desafiar a conhecer e compreender as maneiras pelas quais esses espaços são abordados por pesquisadores envolvidos com a temática, desafio este que compartilharemos na continuidade deste texto.

2 OS CAMINHOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

Para realizar o presente trabalho, adotamos uma abordagem qualitativa, com a intenção de analisar detidamente e compreender os elementos encontrados no decorrer da investigação, pois, a pesquisa de cunho qualitativo “[...] trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes” (MINAYO, p. 21), entendendo-os como um conjunto de fenômenos humanos que são parte de uma realidade social. Assim, a abordagem qualitativa nos permite reexaminar os dados recolhidos, a fim de nos aproximarmos de resultados mais abrangentes e significativos para a pesquisa (GIL, 2009, p. 134), acreditamos que em função disso o caminho realizado tenha ampliado o processo investigativo, já que a ação de revisitar os achados nos possibilitou enxergá-los por diferentes perspectivas, bem como redimensionar nossos olhares e aprofundar a compreensão inicial.

Além disso, com a finalidade de refletir sobre o tema a partir de nossos objetivos, optamos por realizar uma pesquisa bibliográfica visto que “a pesquisa bibliográfica utiliza fontes construídas por material já elaborado, constituído basicamente por livros e artigos científicos localizados em biblioteca” (FONSECA, 2002, p. 32), fontes essas que permitiram o acesso ao conhecimento em desenvolvimento na área sobre o tema em questão.

Nosso trabalho consiste na busca, seleção e análise de trabalhos localizados nas plataformas da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPEd) junto ao Grupo de Trabalho 07 - Educação de Crianças de 0 a 6 Anos (GT07), da Revista Zero-a-Seis (NUPEIN/UFSC) e do Google Acadêmico, no período de 2015 a 2020³. A seguir caracterizaremos sucintamente essas 3 plataformas.

A Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPEd), fundada em 1976, define-se como uma sociedade civil sem fins lucrativos e configura-se como um dos espaços de debates sobre questões científicas e políticas da área da Educação. Seu maior objetivo, entre outros, conforme é explicitado no próprio sítio⁴ da Associação, é o de desenvolver o ensino de pós-graduação em Educação, incentivando a pesquisa⁵ no campo educacional e os temas que a ela se relacionam.

³ Em relação ao recorte temporal, abriu-se uma exceção para o trabalho de Léa Tiriba (2010). Devido a sua importância histórica para a área decidiu-se integrá-lo ao *corpus* da pesquisa.

⁴ Ver em: <https://www.anped.org.br/sobre-anped>

⁵ A ANPEd realiza regularmente Reuniões Científicas Nacionais e Regionais, com a finalidade de socializar e debater a produção científica dos pesquisadores. As Reuniões Regionais ocorrem em anos pares, de maneira intercalada às Reuniões Nacionais, que por sua vez ocorrem em anos ímpares. As mesmas, são organizadas

Os 23 Grupos de Trabalho (GTs) da ANPEd são instâncias de socialização do conhecimento produzido pelos pesquisadores da área da educação, e o GT Educação de Crianças de 0 a 6 Anos (GT07) é um deles. A respeito do GT07 encontramos a seguinte descrição no sítio da Associação:

Este espaço reúne um conjunto de produções científicas, políticas e militantes em defesa da educação das crianças. Sua organização traduz o movimento histórico da identidade deste GT: um campo interdisciplinar que agrega pesquisadores comprometidos e pesquisadoras comprometidas com as questões políticas e educativas que dizem respeito às crianças. Um campo que vem se afirmando como interlocutor crítico e propositivo em relação às políticas públicas e suas pautas sociais/educativas. O espaço do GT 07 agrega a produção de diferentes Grupos de Estudos e Pesquisas que movimentam o campo e a produção teórica. Os trabalhos do GT são expressões da pluralidade e diversidade histórica dos temas, objetos, instrumentos e resultados das pesquisas (ANPEd, 2021).

Já a Revista Zero-a-Seis, uma publicação do Núcleo de Estudos e Pesquisas da Educação na Pequena Infância (NUPEIN) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), se caracteriza como um espaço de compartilhamento de experiências sobre a educação infantil. Para isso, a revista conta com uma diversidade de publicações, como artigos, resenhas, relatos, etc. que visam

[...] a divulgação da produção científica sobre a pequena infância de pesquisadores comprometidos com a luta por direitos e conquistas sociais básicas para a educação na infância e que, por meio de um diálogo disciplinar e teórico, contribuam para a consolidação de uma ciência da educação que tem como foco os processos educativos que envolvem as crianças pequenas considerando sua concretude social e cultural (Revista Zero-a-Seis, 2021).

Por fim, a plataforma digital Google Acadêmico caracteriza-se como uma ferramenta de busca e um repositório que cataloga variadas produções científicas como: artigos, teses, dissertações, etc, de forma a auxiliar e facilitar a busca por esses trabalhos.

O percurso metodológico iniciou-se com as primeiras aproximações teóricas ao tema, realizada por meio de leituras diversas e na continuidade começamos o levantamento da produção científica, com as buscas nas bases de dados das plataformas da ANPEd, Revista Zero-a-Seis e, posteriormente, no Google Acadêmico. As buscas e a localização dos trabalhos deu-se, em um primeiro momento, a partir de descritores ou palavras-chave, entre elas bebês, crianças bem pequenas, creche, espaços externos, áreas externas e natureza.

Porém, visto que a escolha dos termos utilizados por nós poderia reduzir o número de trabalhos encontrados para a nossa pesquisa, nos focamos em realizar nossa busca com base

na leitura dos títulos e dos resumos, sendo selecionados para uma análise mais aprofundada aqueles textos que possuíam alguma relação com nosso objeto de investigação.

Iniciamos a nossa pesquisa nos focando principalmente nos bebês e crianças bem pequenas, por ser a faixa etária que mais nos despertava interesse. Porém, ao avançarmos na pesquisa, conforme fomos localizando os textos referentes ao nosso tema, julgamos necessário aumentar a faixa etária, para que assim mais textos pudessem ser incluídos em nossas análises, afim de que contribuíssem agregando qualidade ao trabalho.

Ainda nessa primeira etapa, nos deparamos com alguns obstáculos ao realizar a pesquisa, sobretudo, quando após a finalização das buscas nas reuniões nacionais da ANPED, percebemos a necessidade de expandi-las para as reuniões regionais, com o objetivo de ampliar o quantitativo de trabalhos selecionados. Entre as reuniões, disponíveis no sítio da plataforma, algumas apresentavam erros ao tentarmos acessá-las ou então éramos alertadas de que o endereço já não existia. Mesmo com este impasse, prosseguimos com as buscas nas 4 reuniões regionais que conseguimos acessar, incluindo na segunda etapa da pesquisa os trabalhos localizados.

Ao final desta primeira etapa, foram selecionados na plataforma do GT07 da ANPED um total de 6 trabalhos, nas reuniões nacionais identificamos 2 trabalhos e nas reuniões regionais outros 4 trabalhos; na Revista Zero-a-Seis selecionamos 7 artigos e, por fim, na plataforma Google Acadêmico foram selecionados 2 artigos, 1 dissertação de mestrado e 1 tese de doutorado.

Sendo assim, na segunda etapa, destinada às análises dos textos, nos dedicamos a uma leitura na íntegra desses materiais, de forma meticulosa. Com base na leitura desses artigos foi possível realizar uma nova seleção dos trabalhos, considerando aqueles que eram compatíveis com nosso tema e objetivos de pesquisa, e descartando aqueles que se distanciavam dos propósitos desta pesquisa. Os artigos que passaram efetivamente a compor o *corpus* de nosso trabalho podem ser visualizados a seguir.

Quadro 1 - Trabalhos selecionados

Plataforma	Dados	Título	Local
Reunião Nacional da ANPed	Reunião 37 Ano: 2015	Berços, fraldas, mamadeiras, chupetas e sucatas: cultura de creche aqui e lá, ontem e hoje Autoras: Caroline M. Cortelini Conceição Beatriz T. Daudt Fischer	UNIOESTE UNISINOS
Reunião Regional da ANPed	Reunião: 21 SUL	Brincar com barro na creche: um diálogo pedagógico com Gaston Bachelard e Hannah	UFPR

	Ano: 2016 Eixo: 5	Arendt Autoras: Sandra Regina Simonis Richter Beatran Hinterholz	
Revista Zero-a-Seis	v. 17, n. 32 Ano: 2015	Os espaços externos como possibilidade de múltiplas experiências na Educação Infantil Autoras: Janaína de Aguiar Monteiro e Jessica Rodrigues	UFPR
Revista Zero-a-Seis	18. n. 33 Ano: 2016	Transver o mundo: um olhar sobre o lugar dos bebês no espaço da creche Autora: Luciane Pandini Simiano	UNISUL
Revista Zero-a-Seis	v. 20, n.38 Ano: 2018	Experiências no cotidiano da educação infantil: olhar, dialogar, inventar Autoras: Ana Cristina Baladelli Silva e Alda Regina Tognini Romaguera	Universidade de Sorocaba
Google Acadêmico	ANAIS DO I SEMINÁRIO NACIONAL: CURRÍCULO EM MOVIMENTO – Perspectivas Atuais Ano: 2010	Crianças da natureza Autora: Léa Tiriba	UNIRIO
Google Acadêmico	Debates em Educação Vol. 8, n. 16 Ano: 2016	A educação infantil no contexto da Base Nacional Comum Curricular: em defesa das crianças como seres da natureza, herdeiras das tradições culturais brasileiras Autoras: Léa Tiriba e Maria Luiza Rodrigues Flores	UNIRIO
Google Acadêmico	Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Pelotas. Ano: 2019	Os bebês, as crianças bem pequenas e a natureza na educação infantil: achadours contemporâneos Autora: Carolina Machado Castelli	Universidade Federal de Pelotas
Google Acadêmico	Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Catarina	O Brincar da criança com elementos da natureza no espaço do parque na Educação Infantil Autora: Maristela Della Flora	Universidade Federal de Santa Catarina

	Ano: 2019		
--	-----------	--	--

Fonte: Elaborado pelas autoras (2021).

Dentre os trabalhos localizados por nós, destacamos que na Revista Zero-a-Seis foram localizadas três publicações, sendo uma no ano de 2015, uma em 2016 e a última em 2018. Já na ANPed, localizamos dois artigos, um da Reunião Nacional o qual foi publicado no ano de 2015 e outro da Reunião Regional, publicado no ano de 2016. Na plataforma de buscas do Google Acadêmico, encontramos dois artigos, um publicado no ano de 2010 e o outro em 2016, uma tese do ano de 2019, e por fim, uma dissertação também publicada no ano de 2019.

Dessa forma, percebemos que no ano de 2016, foi onde houve um maior número de publicações envolvendo a temática, com um total de três trabalhos localizados, em seguida, os anos de 2015 e 2019 que tiveram duas publicações. Já o ano de 2018, por sua vez, teve apenas uma publicação e, enfim, o ano de 2017, que não possui nenhuma publicação sobre o tema.

A seguir apresentaremos um breve resumo dos 9 trabalhos que foram selecionados e apresentados na tabela acima para que, na seção seguinte, possamos trazer as análises dos mesmos.

2.1 TRABALHOS LOCALIZADOS NAS REUNIÕES NACIONAIS DA ANPED

Ao realizar o processo de seleção de trabalhos das reuniões nacionais da ANPed, nos deparamos com artigos que apresentavam alguns elementos relacionados à temática de nossa pesquisa, mas após uma leitura mais aprofundada, apenas 1 trabalho foi selecionado, considerando-se os objetivos da investigação.

O artigo em questão é das autoras Caroline M. C. Conceição e Beatriz T. D. Fischer (2015), intitulado *Berços, fraldas, mamadeiras, chupetas e sucatas: cultura de creche aqui e lá, ontem e hoje* e refere-se a uma pesquisa que busca dar destaque aos diferentes modos de viver a infância e às singularidades dos bebês e crianças bem pequenas no processo de fazer e apropriar-se da cultura da creche. Para este fim, as autoras realizaram uma investigação em uma escola no interior do Paraná, por meio da análise documental e depoimentos da equipe escolar sobre o espaço, as interações e relações com a cultura que se estabeleciam na instituição. Ao tratar do espaço, as autoras apresentam contribuições para pensarmos sobre os espaços externos nas instituições de educação infantil.

2.2 TRABALHOS LOCALIZADOS NAS REUNIÕES REGIONAIS DA ANPED

Nas reuniões regionais da ANPEd, nos deparamos com um artigo que articula-se com o objeto de nosso trabalho. Escrito pelas autoras Richter e Hinterholz (2016), o artigo *Brincar com barro na creche: um diálogo pedagógico com Gaston Bachelard e Hannah Arendt*, traz uma nova perspectiva ao discutir sobre a relevância, para bebês e crianças pequenas, de criar e recriar materiais, por meio do manuseio do barro, enquanto dialogam com Bachelard (1990, 2009, 2013) e Arendt (2014) a fim de explicitar a necessidade de apropriar-se do mundo por meio das linguagens.

No decorrer de um diálogo filosófico, as autoras discorrem no texto acerca do uso do barro nas práticas docentes a fim de tornar mais real a aproximação dos sujeitos com o mundo, discursando acerca da intencionalidade docente em reencantar o mundo através da linguagem (RICHTER; HINTERHOLZ, 2016). A partir da experiência de manuseio de um elemento natural, encontrado facilmente no meio natural, o trabalho traz uma uma reflexão sobre a imaginação criadora em Bachelard e mundanidade em Arendt, propondo um diálogo pedagógico em torno da relevância de bebês e crianças pequenas aprenderem a fabricar/fazer coisas com as mãos como modo de aprenderem a participar singularmente do mundo comum a partir da ação de brincar com o barro. Portanto, o trabalho contribui para refletirmos sobre a importância das crianças brincarem com elementos da natureza.

2.3 TRABALHOS LOCALIZADOS NA REVISTA ZERO-A-SEIS

A busca na Revista Zero-a-Seis nos permitiu encontrar 3 artigos importantes para a pesquisa e posterior análise. O primeiro deles, *Os espaços externos como possibilidade de múltiplas experiências na Educação Infantil*, das autoras Janaína de Aguiar Monteiro e Jessica Rodrigues (2015), discute e analisa, em uma perspectiva histórico-cultural, o espaço externo de uma instituição de educação infantil a partir de observações de campo provenientes do Estágio em Docência em Educação Infantil do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Paraná, realizado em 2013. Nota-se que o foco de análise deste artigo se aproxima à nossa temática, visto que ao deter-se nos espaços e na sua organização, as autoras refletem sobre as possibilidades das crianças construírem relações sociais e com a natureza, que podem ser estabelecidas nos espaços externos. Portanto, durante a análise do trabalho percebemos menções quanto à importância de considerar os espaços externos nos planejamentos pedagógicos, para que assim possamos ampliar as relações das crianças com os elementos da natureza.

Em seguida, selecionamos o trabalho de Luciane Pandini Simiano (2016), intitulado *Transver o mundo: um olhar sobre o lugar dos bebês no espaço da creche*, que tem por base uma pesquisa de mestrado realizada pela autora em uma instituição pública no sul do estado de Santa Catarina, cujos sujeitos foi um grupo de 10 bebês e 4 professoras. A pesquisa parte da seguinte questão: “*o que os lugares constituídos pelos bebês podem nos indicar sobre as práticas pedagógicas e a organização do espaço no atendimento a bebês em instituições educativas?*”, nesse sentido possui como foco o processo de constituição dos espaços da creche em um lugar dos bebês, buscando conhecer os lugares criados pelos bebês e tomá-los como indícios para refletir sobre a prática pedagógica e o espaço da creche.

Ao tratar dos espaços a autora relata que em seu campo de pesquisa os bebês raramente iam para os espaços externos, evidenciando a importância do espaço do parque para os bebês e como esse precisa ser pensado e organizado para eles. Destaca o interesse que os bebês expressam de terem contato com a natureza, além de ressaltar a necessidade das crianças pequenas terem contato com a luz do sol, ar fresco, bem como a observação e interação com a natureza.

Por fim, o último trabalho localizado na plataforma em questão é de autoria de Ana Cristina Baladelli e Silva e Alda Regina Tognini Romaguera (2018), sendo intitulado *Experiências no cotidiano da educação infantil: olhar, dialogar, inventar*. A partir de uma pesquisa de mestrado são relatadas vivências e experiências de uma professora-pesquisadora de um grupo de crianças pequenas que se preocupa com a ocupação dos espaços disponíveis na instituição, a fim de compreender a relação entre as crianças e as práticas pedagógicas.

As autoras buscam desconstruir a ideia de uma educação infantil que remeta ao ensino fundamental, defendendo uma docência na base do diálogo e escuta com as crianças. Para isso, as autoras desenvolvem um diálogo acerca dos espaços e tempos das crianças, em busca de construir uma narrativa na qual as crianças sejam ouvidas e incluídas nas mudanças que ocorrem nos contextos da educação infantil. Embora não trate exclusivamente dos espaços externos ou das relações com a natureza, consideramos importante selecionar este trabalho tendo em vista a proposta de resignificação dos espaços abordada pela pesquisa.

2.4 TRABALHOS LOCALIZADOS NO GOOGLE ACADÊMICO

O primeiro trabalho selecionado nesta plataforma é o artigo *Crianças da natureza*, da autora Léa Tiriba (2010), elaborado a partir da solicitação da Coordenação de Educação Infantil (COEDI/SEF/MEC), com a finalidade de contribuir para que as instituições de

educação infantil propiciem a vivência e a internalização da ética no que se refere ao contato com a natureza. A autora propõe repensar as práticas pedagógicas realizadas nas instituições de educação infantil para que possam ir ao encontro de práticas de preservação, interação e cuidado com a biodiversidade do planeta Terra, visto que estes são recursos escassos e que precisam ser tratados com atenção.

O segundo trabalho selecionado foi o artigo *A educação infantil no contexto da base nacional comum curricular: em defesa das crianças como seres da natureza, herdeiras das tradições culturais brasileiras*, escrito por Léa Tiriba e Maria Luiza Rodrigues Flores (2016), que nasce da necessidade de ampliar o debate sobre a criação de uma Base Nacional Comum Curricular (BNCC) da Educação Infantil, visando refletir fundamentalmente sobre as relações estabelecidas entre as crianças e a natureza e o modo como esta é abordada no documento. As autoras discorrem ao longo do artigo sobre os documentos que serviram como base para a construção da BNCC e o contexto no qual teve origem. Em seguida, ocupam-se em refletir sobre a desconsideração de diferentes grupos culturais e apontam para o fato de que a BNCC acaba por dar exclusividade aos pressupostos paradigmáticos ocidentais. Por fim, as autoras dialogam acerca da relação entre humanos e natureza e sobre a ausência desta relação no documento em questão.

Outro trabalho selecionado para ser analisado é de autoria de Carolina Machado Castelli (2019), *Os bebês, as crianças bem pequenas e a natureza na educação infantil: achadouros contemporâneos*, e refere-se à tese de doutorado da autora. O texto questiona a ausência de contato com a natureza que configura a educação das crianças na educação infantil, algo ainda mais remoto quando se trata de bebês e crianças bem pequenas. A pesquisa objetivou compreender como crianças dessas faixas etárias podem se relacionar com a natureza nos contextos de educação infantil e quais as implicações dessa relação. A autora faz uma análise dos trabalhos da ANPEd no que diz respeito à relação de bebês e crianças bem pequenas com a natureza para, em seguida, discutir os motivos da ausência da natureza e do distanciamento das crianças do meio natural. A tese, ainda busca no histórico da educação infantil argumentos para defender as relações das crianças com a natureza, enquanto discute a presença desta nos currículos das instituições, visando uma possível reaproximação entre crianças e natureza. Assim, a autora concentra-se em analisar mais especificamente a relação dos bebês e crianças bem pequenas com a natureza, bem como as potencialidades que este encontro pode trazer aos sujeitos.

Por fim, o trabalho de autoria de Maristela Della Flora (2019), sob o título *O Brincar da criança com elementos da natureza no espaço do parque na Educação Infantil*, remete à

pesquisa de mestrado da autora, que objetivou analisar o brincar das crianças com elementos da natureza no espaço do parque. O trabalho foi desenvolvido em uma instituição de Educação Infantil da rede pública municipal de Florianópolis e envolveu um grupo de 21 crianças, sendo essas 11 meninas e 10 meninos, com idade entre 4 a 6 anos. Com a pesquisa a autora direciona o olhar para o espaço do parque da instituição e observa as brincadeiras das crianças com elementos da natureza, buscando perceber se esses elementos potencializam as ações no brincar.

Após a definição e seleção das fontes de nossa pesquisa, retomamos os trabalhos a fim de estudá-los de forma mais minuciosa e localizar tanto aspectos recorrentes quanto distintos, com a intenção de identificar e analisar as contribuições teórico-práticas contidas nestes trabalhos, as quais procuraremos apresentar na seção seguinte.

3 CONTRIBUIÇÕES DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA SOBRE ESPAÇOS EXTERNOS E RELAÇÕES COM A NATUREZA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

A construção desta seção do texto apresenta as reflexões que tecemos a partir das contribuições encontradas nos artigos, teses e dissertações selecionadas, e para além desse conjunto de trabalhos chamamos outras autoras para o diálogo, a fim de enriquecer os contributos aqui reunidos. Com este esclarecimento, daremos início às nossas análises.

O primeiro trabalho, intitulado *Berços, fraldas, mamadeiras, chupetas e sucatas: cultura de creche aqui e lá, ontem e hoje* (CONCEIÇÃO; FISCHER, 2015) destaca os diferentes modos de viver a infância e a cultura da creche, trazendo elementos para pensarmos os espaços e os modos como esses são utilizados na instituição educativa em que as autoras realizaram a pesquisa.

Conceição e Fischer (2015) afirmam que toda a instituição escolar possui uma cultura própria, na qual assume-se práticas, normas, ideias e procedimentos que expressam o modo de fazer e pensar o cotidiano da instituição. Quando argumentam existir uma cultura da creche, as autoras referem-se à especificidade do trabalho realizado nos centros de educação infantil, visto que as práticas e os sujeitos que frequentam esse espaço formam os contornos de uma cultura da creche onde se estabelece uma pedagogia dos pequeninos.

As autoras ressaltam três dimensões que compõem a cultura de creche voltada aos bebês, sendo estas: a dimensão biológica dos bebês, o espaço, os objetos e a rotina. Detendo-nos na temática de nossa pesquisa, voltamos a atenção à segunda dimensão destacada, em

função de nos permitir tecer observações e reflexões acerca dos espaços destinados aos bebês e crianças bem pequenas.

Ao longo do artigo, temos a possibilidade de conhecer as formas como as práticas pedagógicas com as crianças ocorrem, tanto nos espaços internos, como nos espaços externos da instituição. Assim, para dar início à nossa discussão, destacamos o seguinte excerto que pode ser encontrado logo nas páginas iniciais do trabalho:

Segundo as depoentes, as brincadeiras eram realizadas na sala e nos espaços externos, brincavam com cantigas, de esconder-se dos bebês cobrindo o rosto com um pano, com materiais de sucata, com brinquedos e ainda improvisavam materiais com recursos da natureza (CONCEIÇÃO; FISCHER, p. 5, 2015).

Este trecho, nos permite conhecer o modo pelo qual os espaços externos são apropriados pelas profissionais e propostos às crianças nessa instituição, servindo como palco para a realização de práticas educativas com foco nas brincadeiras, possibilitando aos bebês não apenas a permanência nesse espaço, mas também interagirem com os recursos da natureza.

Porém, conforme avançamos na leitura do trabalho, podemos identificar o que Tiriba (2005) encontra em sua pesquisa, quando afirma perceber no discurso das professoras uma preferência relacionada aos espaços internos, visto que neles torna-se mais fácil controlar e cuidar das crianças. Essa preferência pode ser percebida no seguinte trecho de narrativa de uma das monitoras: “Prefiro o berço, porque os grandinhos exigem mais atividade, tem que ter mais pique né pra acompanhar eles, já os mais pequenos...” (CONCEIÇÃO; FISCHER, 2015, p. 5 - 6).

Nesse sentido, Tiriba (2005, p. 114) destaca que

[...] há vários fatores que concorrem para que as crianças permaneçam entreparedes: a dependência física, a falta de carrinhos de bebê, a localização dos berçários e maternais na parte superior dos prédios, as rotinas de troca e alimentação, o pequeno número de adultos em relação ao número de crianças. Estes fatores concorrem para que, em muitos casos, as turmas de berçário e de maternal só venham para o pátio em dia de festa, quando, então, é pensado um esquema que possibilite esta alegria a elas.

Essas contribuições nos permitem compreender os inúmeros motivos pelos quais os bebês e crianças bem pequenas têm dificuldades em assumir as áreas externas das instituições que frequentam, ao mesmo tempo em que nos revelam uma realidade ocasionada pelo fato de que muitas vezes as áreas externas nem mesmo são pensadas para tais faixas etárias, fazendo com que as crianças maiores tenham prioridade no uso dos pátios das instituições educativas e restringindo os movimentos das menores, ao mesmo tempo em que transformam estas em

meros expectadores das relações e experiências que culminam naquele espaço (CASTELLI, 2019, p. 35).

Essa atitude externaliza uma preocupação com o risco que as áreas externas podem ocasionar. Podemos perceber uma situação semelhante ao analisar o texto de Simiano (2016), quando a autora relata que, durante a sua pesquisa, os bebês passavam a maior parte do tempo que permaneciam na instituição dentro da sala de referência, pelo receio das professoras de irem para as áreas externas por conta das condições físicas dos bebês, como relata a seguir

Na pesquisa os bebês permanecem quase sempre na sala, sendo raras as vezes em que transitam por outro espaço da creche. Esse fato é justificado pelas profissionais por questões estruturais sob a alegação de que os bebês não podem ir para a área externa e utilizar o parque pelas suas condições físicas. A referência de que eles são pequenos é utilizada como explicação para a não possibilidade de eles frequentarem o parque (SIMIANO, 2016, p. 28).

No trabalho de Richter e Hinterholz (2016), intitulado *Brincar com barro na creche: um diálogo pedagógico com Gaston Bachelard e Hannah Arendt*, por meio de um diálogo filosófico as autoras propõem apropriar-se do mundo por meio das linguagens, utilizando o manuseio do barro como uma ferramenta de aproximação com o mundo em função deste constituir-se num elemento natural que está a disposição dos humanos desde os primórdios.

A ação em moldar o barro é abordada como uma forma de transformá-lo, ao mesmo tempo em que esse contato desafia a criança a transformar a si mesmo. A partir de Bachelard (1990 *apud*. RICHTER; HINTERHOLZ, 2016), defende-se que não é qualquer material que potencializa a curiosidade agressiva e investigadora em relação àquilo que está além do que se pode ver. Ocasiona-se dessa forma um encontro com a vitalidade do mundo e assegura-se essa característica potencializadora pelos brinquedos provenientes da água, terra e barro.

Com uma perspectiva semelhante, Lima (2015, p. 39) discorre que são

[...] as brincadeiras mais orgânicas, nas quais as coisas da natureza se transformam em brinquedos diversos, e as condições de espaços e demais elementos naturais que possibilitam experiências com uma ampla diversidade de formas, cores, texturas, odores, que em muito enriquecem os caminhos de aprendizagem infantil e favorecem a proteção da saúde.

Ao falar da docência com os bebês e crianças bem pequenas, as autoras descrevem que a “complexidade que tece a docência com bebês e crianças pequenas está em considerar que não se trata somente de apresentar informações ou falar sobre o mundo, mas também estar disponível para vivê-lo e saboreá-lo aqui e agora” (RICHTER; HINTERHOLZ, 2016, p. 3).

Por conta disso, destacamos que, para que se possa, de fato, aprender com o mundo real, a fim de saboreá-lo, como destacam as autoras, é necessário que nossas instituições disponham de espaços em que as crianças possam apropriar-se da relação com o mundo. Castelli (2019, p. 16), ao falar sobre a presença das áreas verdes nas instituições de educação infantil, confirma essa necessidade quando defende que tais espaços precisam ser compreendidos como “um espaço vivo, habitado, que as crianças possam frequentar diariamente, onde elas possam brincar e possam estabelecer conexões com a natureza”.

Ao irmos ao encontro do artigo *Experiências no cotidiano da educação infantil olhar, dialogar, inventar*, de Silva e Romaguera (2018), nos deparamos com as narrativas de um percurso pedagógico de uma professora pesquisadora que, por meio da leitura e pesquisa, modifica suas práticas com sua turma de crianças bem pequenas.

Apesar do foco central desse trabalho não estar na organização do espaço ou na utilização dos espaços externos, ao abordar as mudanças metodológicas realizadas pela professora-pesquisadora, nos deparamos com a narração de um processo de ressignificação dos espaços disponíveis na instituição. Por conta disso, a sala de referência torna-se um espaço mais interessante e agradável, enquanto o espaço externo da instituição passa a ser “explorado haja vista ser extremamente interessante com muitas árvores, uma mesa enorme para atividades diversas, parede com azulejos, um gramado, tanque de areia coberto, ou seja, muito espaço para ser explorado” (SILVA; ROMAGUERA, 2018, p. 415).

Além disso, a utilização dessa área permitiu que um novo conjunto de possibilidades pudessem ser exploradas pelas crianças, expandindo o acervo de materiais e atividades que poderiam ser disponibilizadas ali

Assim, como uma outra possibilidade, a professora-pesquisadora utilizou de maneiras diversas, ora como momento de pintura/desenho, ora interferindo com lonas, caixas de papelão, espaguete de piscina, bolinhas de plástico, bolas convencionais, rampas de madeira, ora com experimentações de materiais diversos como carvão, guache, terra, areia, entre outros (SILVA; ROMAGUERA, 2018, p. 415).

Dessa forma, possibilitou-se que as crianças se apropriassem desse espaço “explorando cada canto, descobrindo seus insetos, animais, frutas, como por exemplo, um pé de jaca que frutificou bastante no ano anterior” (SILVA; ROMAGUERA, 2018, p. 415). Nesse sentido, destacamos o que ressalta Guimarães (2012, p. 91) quando afirma que é “importante que o espaço apresente a organização do mundo [...] e que favoreça que as crianças experimentem situações expressivas diversas”.

É a partir dessa análise e reflexão que as autoras propõem que a educação infantil seja

um espaço que respeite as crianças e possa ouvi-las, atentando-se para as especificidades destas, permitindo que sejam protagonistas nos seus processos de aprendizagem e desenvolvimento, visto que, como afirmam as autoras, a

Educação Infantil representa um universo com forma própria, pois as crianças pequenas necessitam, em função de suas peculiaridades e necessidades diárias, de uma configuração espacial diferente daquela comumente difundida no espaço escolar, justamente porque tem uma maneira particular de constituir-se (SILVA; ROMAGUERA, 2018, p.417).

O trabalho intitulado *Os espaços externos como possibilidade de múltiplas experiências na Educação Infantil*, de Janaína de Aguiar Monteiro e Jessica Rodrigues (2015) foi um dos trabalhos da Revista Zero-a-Seis selecionados por nós. Nesta pesquisa, as autoras retratam as relações das crianças e dos profissionais com os espaços externos da instituição de Educação Infantil, partindo de uma experiência que viveram ao longo do Estágio em Docência em Educação Infantil, num Centro Municipal de Educação Infantil vinculado à rede de ensino de Curitiba. As autoras têm o espaço externo da instituição de educação infantil como foco de análise, pois o compreendem como um lugar que “oportuniza a interação entre as crianças e seus pares, destas com os adultos e com o meio” (MONTEIRO; RODRIGUES, 2015, p. 265).

Em relação às possibilidades nos espaços externos, Monteiro e Rodrigues (2015, p. 265) destacam que “o espaço externo pode proporcionar muitas experiências envolvendo a brincadeira, a expressão por meio do corpo, das relações com a natureza, da imaginação e da criação, tornando-se um lugar de expressão da infância e um elemento educativo”. Porém, também chamam a atenção de que para isso, torna-se importante que as professoras, saiam da zona de conforto e percarn o medo de proporcionar novas experiências, rotinas e propostas, sendo necessário, segundo elas “[...] conhecer o espaço, planejar, imaginar, repensar e proporcionar às crianças usos diversificados e enriquecedores” (MONTEIRO E RODRIGUES, p. 265, 2015).

Quanto aos momentos destinados ao espaço externo, as autoras afirmam que esses são momentos de interação, que possibilitam trocas entre as crianças e seus pares e das crianças com as professoras, onde acontecem jogos, brincadeiras, instigando o imaginário, o faz de conta, além de experiências em grupos e individuais, as crianças se tornam as verdadeiras protagonistas, pois “o espaço externo torna-se um espaço de liberdade de escolhas, poder escolher com quem brincar, do que brincar e como brincar” (MONTEIRO E RODRIGUES, p. 269, 2015). Nesse sentido, destacamos a reflexão de Tiriba (2010, p. 7) quando afirma que “um pátio que é de todos, onde cada um pode escolher com quem e com que deseja brincar,

não favorece atitudes individualistas e competitivas, ao contrário constitui espaço de convivência amistosa, prazerosa”.

O trabalho de Monteiro e Rodrigues (2015), também trata sobre as possibilidades de interação das crianças com a natureza nos espaços externos das instituições de educação infantil, pois o mesmo pode constituir-se como um lugar de múltiplas possibilidades, descobertas e

[...] promotor de aventuras, de-safios, aprendizagem, propiciar as mais diversas interações, entre elas a interação com os elementos da natureza, que provoca a curiosidade e desenvolve a criatividade, além de permitir que a criança realize leitura de mundo a partir do conhecimento do meio ambiente, bem como o reconhecimento de seu corpo através das possibilidades de movimentações nas áreas livres (MONTEIRO E RODRIGUES, p. 273, 2015).

A pesquisa, ainda destaca que o parque é um lugar que se configura como um espaço convidativo, onde são possibilitadas diversas formas de interações, além de estimular o livre arbítrio, pois nele “[...] as crianças escolhem suas brincadeiras, seus parceiros e os objetos que darão suporte para a brincadeira, constroem seus enredos, criam, recriam, assimilam, experimentam, exploram, inventam, inovam, enfim aprendem com e sobre o meio que as cerca” (MONTEIRO E RODRIGUES, p. 274). Ao encontro dessa perspectiva, Flora (2019) evidencia que o parque é “[...] um lugar com mais espaços para movimentos amplos, autonomia e escolhas por diferentes brincadeiras, sem estarem limitadas no espaço da sala e a presença direta dos adultos, com a imersão e contato com a natureza mais aberta” (FLORA, 2019, p. 85).

Já o trabalho de Léa Tiriba (2010), “Crianças da Natureza”, visa compartilhar com professores e professoras de todo o Brasil, reflexões e propor ações que ajudem a entender e enfrentar situações de emergência que nosso planeta e nós, seres humanos, viemos a enfrentar nos dias atuais, atentando para a importância de estabelecer com as crianças um debate sobre a natureza e sua preservação.

Segundo Tiriba (2010), é importante pensarmos em maneiras de desemparedar, de ir para os espaços que estão além dos muros das instituições de educação, pois todos os lugares apresentam possibilidades de aprendizagens e não apenas as salas de aula, de acordo com a autora “além de se constituírem como espaços de brincar livremente e relaxar, esses lugares podem também ser explorados como ambiente de ouvir histórias, desenhar e pintar, espaços de aprendizagem, em que se trabalha uma diversidade de conhecimentos” (TIRIBA, 2010, p. 9).

Dessa forma, fica evidente que as atividades ao ar livre, possibilitam inúmeras aprendizagens relacionadas ao estado de espírito, pois as pessoas sintonizam-se com os

sentimentos de bem-estar, havendo um equilíbrio entre o que se faz com o que desejamos fazer. De acordo com essa visão, Tiriba (2010, p. 7) afirma que “podemos pensar que as brincadeiras nos espaços externos podem se constituir em fonte de sentimentos de solidariedade e companheirismo”.

O artigo *Transver o mundo: um olhar sobre o lugar dos bebês no espaço da creche*, da autora Luciane Pandini Simiano (2016) baseia-se na pesquisa de mestrado da autora, que dialoga sobre a constituição do espaço da creche como um lugar dos bebês e visa conhecer os lugares ocupados por esses sujeitos, dispondo-se a pensar na prática pedagógica e nos espaços da instituição disponíveis para eles .

Quando reflete sobre as áreas externas, a autora afirma que os bebês expressam o desejo que possuem de ter contato com os elementos naturais que existem nesses espaços, pois “os bebês imprimem marcas, e, assim, expressam o desejo de encontro com o outro, com o sol, o ar fresco, a água, areia, com a vida que pulsa no espaço externo” (SIMIANO, 2016, p.28). Fato esse que reforça a compreensão de que as crianças pequenas além de possuírem interesse em ir para os espaços externos, também “[...] precisam de contato diário com a luz do sol, ar fresco, e com a observação e interação com a natureza” (SIMIANO, 2016, p.28).

O artigo *A educação infantil no contexto da base nacional comum curricular: em defesa das crianças como seres da natureza, herdeiras das tradições culturais brasileiras*, escrito por Léa Tiriba e Maria Luiza Rodrigues Flores (2016), surge da necessidade de ampliação do debate sobre a criação de uma Base Nacional Comum Curricular (BNCC) da Educação Infantil, e busca contribuir com reflexões sobre a segunda versão da BNCC abordando mais especificamente o conteúdo do documento, no que se refere às relações entre as crianças e a natureza.

Em seu artigo, Flores e Tiriba (2016), destacam que é fundamental assegurar a preservação das culturas de povos e comunidades tradicionais, que fazem parte da base da formação social brasileira, pois através delas se dará a possibilidade de conhecer e aprender saberes fundamentais para a produção de uma lógica social e escolar que seja “[...] pautada no respeito à natureza, na valorização do lúdico, dos rituais que alimentam os laços comunitários.” (FLORES; TIRIBA, 2016, p. 174). Assim, assumir filosofias baseadas nos povos ancestrais como referência dos projetos político-pedagógicos, poderá contribuir para uma escola que considere as crianças não somente como seres da cultura, mas também como seres da Natureza.

As autoras destacam que é através do contato que se estabelece entre crianças e natureza, que se construirá uma relação de afeto e respeito entre as mesmas. Trazendo as

contribuições de Spinoza, um filósofo monista do século XVII, elas destacam que relacionando as filosofias dos povos ancestrais com a concepção spinoziana, que defende que as ideias são constituídas se baseando nas afecções que ocorrem nos encontros com o universo social e natural em que nos inserimos, é que se abriam caminhos para “[...] uma pedagogia da vida, respeitadora e alimentadora da paixão que as crianças têm pela vida ao ar livre. Paixão que se revela quando se lançam livremente às poças d’água, à terra, à lama, quando brincam com o vento” (FLORES; TIRIBA, 2016, p. 175).

Flores e Tiriba (2016) argumentam que se essa atração, esse desejo das crianças pela natureza for alimentado pelas professoras, por meio de bons encontros, que alegrem e energizam, os mesmos contribuirão para “[...] uma percepção de si enquanto ser que é parte da Natureza e, nessa medida, é capaz de respeitá-la, comprometendo-se com sua preservação” (FLORES; TIRIBA, 2016, p. 175). Mas ao contrário disso, como destacado por Tiriba e Profice (2014 *apud* FLORES; TIRIBA, 2016, p. 176) “a indiferença e/ou repressão desta paixão pode gerar distanciamento, posturas de desrespeito ou mesmo de agressividade, em relação ao ambiente natural”.

Diante do exposto, sendo a natureza um local onde os seres humanos sempre interagiram e brincaram, se tomarmos a escola como um lugar essencial para a organização das sociedades urbanas, o ato de desemparedar e tornar encontros entre crianças e natureza mais frequentes, é uma necessidade urgente, visto que “se as crianças são seres biofílicos [...] esse convívio não pode ser uma opção de cada professor ou professora, mas um direito de todos, adultos e crianças” (FLORES; TIRIBA, 2016, p. 176).

Dentre os trabalhos aqui analisados por nós, a dissertação de Maristela Della Flora (2019), intitulada *O Brincar da criança com elementos da natureza no espaço do parque na Educação Infantil*, faz referência à pesquisa de campo realizada pela autora em uma instituição de Educação Infantil da rede pública municipal de Florianópolis, que teve como foco o brincar das crianças com elementos da natureza no parque da instituição.

Maristela Della Flora, que também é professora de educação infantil, relata que enquanto observa as crianças, no seu dia-a-dia no trabalho, percebe que no espaço externo a imaginação criadora das mesmas se revela de maneira mais espontânea e que “é no estar junto com as crianças diariamente que percebo a satisfação, o prazer das mesmas pelos espaços externos” (FLORA, 2019, p. 16). Assim, as crianças demonstram preferir o espaço do parque para brincar e interagir com seus pares, pois o mesmo é convidativo, estimulando as crianças em aventuras lúdicas e provocando-as a usufruir dos elementos da natureza que ali estão

presentes. “Nele as crianças podem desfrutar da areia, grama, folhas, flores, árvores, ar e água por meio de torneiras com acesso livre” (FLORA, 2019, p. 15).

Segundo a autora, as crianças estão a todo momento demonstrando seus desejos em se movimentar no espaço do parque, visto que, por ser este um local mais amplo, elas conseguem se movimentar com mais liberdade durante suas brincadeiras e assim “demonstram esse desejo quase que o tempo todo, experienciando seus corpos das mais variadas formas” (FLORA, 2019, p. 156). Diante disso, Flora (2019) relata que durante sua pesquisa junto às crianças, ela observou que “ainda em sala algumas crianças demonstram seus desejos de estarem no espaço externo, combinando as brincadeiras de que irão brincar ao irem para o parque” (FLORA, 2019, p. 83).

Compreendendo que as crianças possuem curiosidades de explorar e experimentar variados espaços e materiais desde que nascem, a autora destaca que

[...] os ambientes externos oferecem maiores desafios e atrativos, possibilitando promover brincadeiras mais autônomas que envolvem todos os campos de experiências, favorecendo sua imaginação e proporcionando um aprendizado significativo, qualificando as brincadeiras e as interações entre as crianças (FLORA, 2019, p.16).

Portanto, entende-se que as professoras necessitam “perceber que os elementos da natureza podem também compor nossos recursos pedagógicos” (FLORA, 2019, p. 17). Para isso, segundo Flora (2019), é importante pensar no espaço do parque como um espaço de grande importância na vida das crianças, pelo fato de que o mesmo proporciona, por meio da brincadeira, que estas vivam experiências variadas que se vinculam com os elementos da natureza. Porém, a autora destaca que para isso é necessário que se tenha

professores dispostos, reflexivos, que em sua intencionalidade pedagógica desafie, intensifique o contato das crianças com diferentes experiências e em diferentes espaços e materialidades, garantindo a elas uma interconexão com a natureza” (FLORA, 2019, p. 163).

No decorrer do texto a autora reconhece a necessidade da conexão das crianças com a natureza, de forma a permitir o brincar ou o estar na natureza para que conheçam novas possibilidades de criação e imaginação. Por ser o parque um lugar maior, que possui mais espaço para o movimento, é nesse local que as crianças brincam mais de fato, como destaca Flora (2019, p. 46) “[...] usando sua imaginação, criando enredos e usando como referências elementos da natureza que estão disponíveis no parque como areia, folhas, gravetos, pedras, abacate entre outros”. Ainda, segundo Flora (2019), com os elementos naturais que estavam no espaço do parque, e através das relações estabelecidas entre eles e as crianças, as brincadeiras eram potencializadas.

Percebe-se, dessa forma, que é no espaço do parque, com os elementos da natureza, que as crianças possuem maiores possibilidades de criar brincadeiras, pois não ficam limitadas aos mesmos brinquedos de sempre, existentes na sala, e nem quanto à delimitação. A autora traz ao seu texto as contribuições de Bachelard (2001 *apud* FLORA, 2019, p. 118) quando diz que “o contato com a terra, água, fogo e ar é fundamental para a imaginação criadora [...]”.

Destaca-se ainda, que possibilitar à criança o contato com os mais diversos elementos da natureza, é uma forma da mesma viver variadas experiências, como declara Flora (2019, p. 169) ao discorrer que “o contato com os mais diversos elementos que a natureza nos oferece, nos guia a proporcionar e sentir experiências sensíveis que se expressam em uma variedade de texturas, aromas, cores, sons, sentidos”.

Dessa forma, através de sua pesquisa, Maristela Della Flora (2019) reafirma o grande interesse que há por parte das crianças em brincar no espaço do parque e “tendo este como um espaço que mais se aproxima do espaço natural, possibilita para as crianças estar em uma relação mais próxima da natureza de forma dialógica [...]” (FLORA, 2019, p. 165). Sendo assim, “possibilitar o acesso da criança a diferentes elementos naturais e espaços é uma forma da mesma acessar conhecimentos de como a vida se expressa no planeta Terra” (FLORA, 2019, p. 165). Ainda, destaca Flora (2019) que

Brincar nos espaços mais abertos além de ser mais amplo para as brincadeiras também propicia para as crianças o contato com diferentes elementos naturais promove o encontro com o *outro*, instiga a criatividade, promove movimentos amplos, outras vivências físicas, bem como a ampliação de diferentes vivências cognitivas, emocionais, imaginativas [...] (FLORA, 2019, p. 172).

Dando sequência às nossas análises, a tese de Carolina Machado Castelli (2019), intitulada *Os bebês, as crianças bem pequenas e a natureza na educação infantil: achadouros contemporâneos*, apresenta um levantamento de publicações acerca do tema da relação entre bebês e crianças bem pequenas com a natureza, além de realizar um resgate histórico sobre a natureza e a relação com os bebês e crianças bem pequenas. A escrita de sua tese analisa experiências e relatos coletados durante uma pesquisa de campo realizada pela autora com três professoras da escola de educação infantil e unidade de ensino, pesquisa e extensão denominada Núcleo de Desenvolvimento Infantil (NDI-UFSC).

Ao refletir em uma perspectiva histórica sobre a sociedade brasileira, Castelli (2019, p. 111) discorre que “as ideias de vigilância e higiene vão ser bastante presentes na institucionalização da pequena infância e no seu afastamento da natureza”, isto por conta do

movimento de higienização da sociedade que afetou não apenas assuntos ligados à saúde, mas também debates no campo social, visto que procurou-se realizar um “higienismo social” (CASTELLI, 2019, p. 113), transformando os espaços externos (como praças e parques) em lugares privilegiados, nos quais a “natureza passa a ser oferecida como propaganda de um produto ou de um serviço que venderia qualidade de vida e status” (CASTELLI, 2019, p. 126).

Assim, os espaços externos na sociedade acabam por ser ocupados por famílias pertencentes a elite, enquanto a camada popular é cada vez mais distanciada desses lugares, através de um processo civilizatório que buscava fazer com que essa parte da população se adequasse às normas da sociedade da época. Para Castelli (2019), afastar as crianças da natureza, onde elas podiam ser livres para explorar sua corporeidade, facilita o processo de civilizá-las, ensinando-as os bons costumes que seriam necessários para que possam se adaptar à sociedade.

Em sequência na sua tese, ocorre um diálogo sobre a influência dos riscos no distanciamento com a natureza, visto que quando são “considerados em excesso, os riscos podem ser uma justificativa utilizada para o afastamento da natureza, o que pode impactar negativamente o trabalho pedagógico e a relação das crianças com ela” (CASTELLI, 2019, p. 147). Nesse sentido, Freire (2008 *apud* CASTELLI, 2019, p. 43) discorre que apesar de compreender a complexidade que existe no interior da escola, que por vezes carece de um espaço com acesso à natureza adequado, existem processos burocráticos que criam obstáculos para que um passeio possa ser realizado fora da escola, afirmando que sair da instituição, mesmo que perto, oferece perigos aos indivíduos, ainda mais quando se considera os contextos violentos das cidades.

Em uma pesquisa realizada em espaços abertos com crianças de 6 a 10 anos em Portugal, reflexões semelhantes são levantadas por Rosa e Ferreira (2019) ao afirmarem que

Pode então dizer-se que na generalização da insegurança social, os riscos já mencionados são colocados como “premissa” de uma nova configuração social, passando a ser geridos de modo que, caso das crianças, para estas serem protegidas são retiradas dos espaços tidos como perigosos (ROSA; FERREIRA, 2019, p. 269).

Por meio desse percurso é possível analisar a trajetória histórica que instigou o distanciamento das crianças das áreas naturais, fazendo com que cada vez menos esses espaços fossem espaços das infâncias, enquanto aos poucos o lugar que as crianças passaram a ocupar restringiu-se ao interior da escola e de suas casas.

Em contrapartida, ao discorrer sobre a aproximação dos sujeitos a essas áreas

externas, a autora sinaliza para as diversas formas que essas podem ser apropriadas, afirmando que

A natureza é, então, ainda pouco vista como um lugar para bebês e crianças bem pequenas, mas, se forem consideradas diferentes condições de utilização de um espaço, bem como de modos de atuação e participação das crianças e o papel da professora em acompanhar e propor junto às crianças, é possível que, de formas diferentes, todas elas estabeleçam relações com os espaços onde a natureza mais se faz presente (CASTELLI, 2019, p. 167).

Para ilustrar sua afirmação, a autora nos oferece excertos da entrevista realizada com uma das professoras na instituição em que realizou sua pesquisa, por meio da qual a profissional descreve o modo pelo qual incluiu estes espaços nos cotidianos das crianças

A gente faz tudo fora do espaço. [...] A gente recebe nos parques, a gente conta histórias nos parques, a gente pinta no parque, a gente faz cerâmica... trabalha com barro, a gente faz a grande parte das proposições no espaço externo. A gente usa, às vezes, o espaço da biblioteca pontualmente, às vezes o espaço do auditório. [...] Mas são momentos pontuais. E a sala de artes, dependendo da proposição, a gente vai para a sala de artes ou, senão, essas posições de artes também acontecem no espaço externo (CASTELLI, 2019, p. 162).

Castelli (2019) afirma então que mesmo que os bebês e crianças bem pequenas não consigam subir em árvores, estes podem aproveitar um contato diferenciado com este meio, não podendo ser desconsideradas suas formas de se relacionarem com a natureza. Destaca ainda a importância das professoras olharem atentamente para as crianças, a fim de pensar o espaço e os materiais que ali serão utilizados, chamando a atenção para a diferença que é planejar as atividades em uma área externa, visto que nesse meio a própria natureza amplia as possibilidades de interação.

Por conta disso, Castelli (2019, p. 177) afirma que como a natureza “propõe muitos convites (a tocar, cheirar, colher, contemplar, descobrir...), estender o tempo que as crianças podem passar na natureza complexifica a sua experiência no mundo, sobretudo quando as professoras também consideram esses convites no seu trabalho”.

Cabe destacar que todos os espaços educam, sendo que o contato com a natureza amplia as possibilidades de ação das crianças, permitindo a estas viverem sensações e experiências significativas para si e para seu processo de desenvolvimento. Além do que, são nas áreas externas, como os parques, “junto aos elementos da natureza [que] a criança tem maior possibilidade para criar suas brincadeiras, para devanear sozinha ou com outras crianças” (FLORA, 2019, p. 135).

Os materiais utilizados durante as práticas pedagógicas também são abordados ao longo da tese, onde defende-se que os materiais didáticos possam ser encontrados na própria

natureza, visto que “os elementos que advêm da natureza fornecem inúmeras possibilidades para as crianças brincarem e aprenderem” (CASTELLI, 2019, p. 185). Assim, defende-se o uso de folhas, galhos, areia, barro, etc. elementos que aproximem e permitam às crianças interagirem com o mundo em seu entorno.

Ressalta-se ainda que o contato cada vez mais frequente com a natureza é capaz de auxiliar no interesse por preservá-la, como indica Castelli (2019, p. 231) ao declarar que “a possibilidade de estar em constante contato com a natureza junto ao papel dos adultos em permitir e potencializar esse contato contribui para que as crianças sejam afetadas pela natureza, se identifiquem com ela e desejem cuidá-la”.

Dessa forma, compreende-se que o afastamento das crianças em relação com a natureza impede esse contato significativo para a educação integral das mesmas, ao mesmo tempo em que gera “um conhecimento menor e uma participação mais limitada e menos frequente das crianças em práticas culturais relacionadas a ela [natureza]” (CASTELLI, 2019, p.249).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho teve como foco principal uma preocupação em olhar para as produções científicas em âmbito nacional, a fim de realizar uma análise sobre os estudos e as discussões propostas no que diz respeito aos espaços externos e às relações com a natureza na educação infantil, nos voltando ao lugar que estes ocupam na prática pedagógica e na significação que estes podem vir a ter para os bebês, crianças bem pequenas e crianças pequenas usufruam deles.

Partindo dessa proposta, foi possível observar que o acesso às áreas verdes nas instituições de educação infantil ainda é visto como uma situação de risco para as crianças, em especial para os bebês e crianças bem pequenas, demonstrando a necessidade em ampliar o olhar para estes ambientes, tendo em vista não apenas os riscos (que podem ser reduzidos pela instituição no sentido de torná-los mais seguros), mas as contribuições que estes podem oferecer aos indivíduos.

Além disso, por meio das pesquisas que analisamos, observamos que o interesse em acessar as áreas externas das instituições de educação infantil muitas vezes parte das próprias crianças, que por meio da sua curiosidade e inquietação buscam o encontro com a natureza de modo a enriquecer suas experiências e vivências neste contexto. Assim sendo, as crianças expressam o seu desejo de estar em meio à natureza, em revirar, mexer, remexer, revolver o

mundo em seu entorno, numa busca de encontrar-se e de descobrir-se.

Todavia, cabe a nós reconhecer que somente a presença da natureza nas instituições de educação infantil e o interesse expressado pelas crianças não são garantia de acesso aos espaços externos (CASTELLI, 2019). Para que seja possível promover de fato aproximações das crianças com as áreas externas, é necessário que essas situações sejam constantemente observadas, refletidas e registradas de formas diversas de modo a incluí-las no planejamento docente considerando as especificidades e significações presentes nas experiências das crianças, a fim de estabelecer uma relação e promoção de experiências significativas destas com a natureza, trazendo a esse espaço novos significados e sentidos.

Dessa forma, cabe destacar que por ser justamente no processo de planejamento que a escuta às especificidades de nossas crianças são acolhidas e considerando ser de responsabilidade do adulto organizar os espaços e tempos que serão desfrutados, é necessário que estes organizem as áreas externas de acordo com as peculiaridades dos sujeitos, pensando nas materialidades que irão dispor e as propostas que serão ali desenvolvidas.

Esse aspecto é ainda mais relevante quando percebemos que muitas vezes bebês e crianças bem pequenas têm seu acesso inviabilizado às áreas externas pelo fato de ainda serem novos demais, havendo a justificativa de que esses ambientes trazem riscos demais para esses sujeitos, reservando a eles as salas de referência e a necessidade de crescer para que possam interagir com a natureza. Compreendemos que todo contato com a natureza é essencial e contribui para a ampliação de saberes, experiências e conhecimentos significativos dos sujeitos, sendo que as especificidades de cada faixa etária, apesar de mudar o modo como se relaciona com o mundo, não modifica nem impede as contribuições que podem ser apreendidas desse contato.

Entende-se a possibilidade de estabelecer relações com a natureza em suas variadas formas como uma dimensão importante no que diz respeito ao desenvolvimento da curiosidade, livre exploração e imaginação infantil, sendo que para isso as áreas externas de nossas instituições precisam ser interpretadas como espaços vivos, habitáveis, nos quais é possível brincar e conectar-se de inúmeras formas com a natureza. Além disso, o entendimento de que essas áreas promovem o lúdico e o faz de conta é crucial, visto que podem contribuir de inúmeras formas para aprendizagens diversas, tendo em vista que a natureza provoca a curiosidade e expressões em diferentes linguagens, convidando aos sujeitos a ampliar suas experiências no mundo.

Esses contatos cada vez mais frequentes com a natureza e as interações com elementos naturais amplia e também contribui para a construção de uma consciência

ambiental, fazendo com que, por meio da relação direta com as áreas naturais, as crianças sintam, compreendam e envolvam-se afetivamente com esses lugares de modo a compreender a necessidade de proteção e preservação da natureza.

A análise também nos permitiu observar uma certa mudança de postura das professoras em relação às áreas externas, visto que nas pesquisas analisadas ao longo de nosso trabalho, identificamos tentativas de ressignificar a utilização do espaço externo, incluindo estes não apenas nas atividades lúdicas, mas recorrendo a estes em busca de ampliar e enriquecer as múltiplas vivências nos contextos de educação infantil.

Sendo assim, mesmo que as pesquisas científicas voltadas para as relações das crianças com as áreas externas e a natureza nas instituições de educação infantil se mostrem ainda escassas, se comparadas a outras temáticas investigadas pela área, é possível perceber uma crescente preocupação e ampliação de interesse na promoção dessa aproximação nos últimos anos. Esse reconhecimento recente, atribuído à temática, nos faz perceber a necessidade de expandir as relações das crianças com os espaços externos e propor mudanças estruturais, tornando-os ricos em elementos da natureza para que seja possível ampliar as vivências e experiências dos sujeitos, criando as condições para a concretização da educação integral das crianças nos contextos de educação infantil.

REFERÊNCIAS

AGOSTINHO, Kátia Adair. LIMA, Patrícia de Moraes. **A docência na educação infantil: sobre os contornos da experiência pedagógica no encontro com as crianças.** *In: Investigar em Educação*, Florianópolis, v. 2, n. 4. p. 1 - 12, 2015. Disponível em: <https://1library.org/document/z3g4xe7y-docencia-educacao-infantil-contornos-experiencia-pedagogica-encontro-criancas.html> Acesso em: 04 out. 2021

ANPed, Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação. **GT07: Educação de crianças de 0 a 6 anos.** Disponível em: <<https://anped.org.br/grupos-de-trabalho/gt07-educa%C3%A7%C3%A3o-de-crian%C3%A7a-de-0-6-anos>> Acesso em: 07 out. 2021.

CASTELLI, Carolina Machado. **Os bebês, as crianças bem pequenas e a natureza na educação infantil: achadouros contemporâneos.** 2019. 305f. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação da Universidade Federal de Pelotas, Pelotas.

CONCEIÇÃO, Caroline M. C. FISCHER, Beatriz T. D. **Berços, fraldas, mamadeiras, chupetas e sucatas: cultura de creche aqui e lá, ontem e hoje.** *In: Reunião Nacional da ANPed*, 37., 2015, Florianópolis. Anais Eletrônicos... Florianópolis: ANPed, 2017. p. 1 - 18. Disponível em: <https://www.anped.org.br/biblioteca/item/bercos-fraldas-mamadeiras-chupetas-e-sucatas-cultura-de-creche-aqui-e-la-ontem-e> Acesso em: 17 jun. 2021.

CRUZ, S. H. V. CRUZ, R. C. A. O ambiente na educação infantil e a construção da identidade da criança. In: CARVALHO, R. S. FOCHI, P. S. (Org.) Pedagogia do cotidiano na (e da) educação infantil. Brasília: Em Aberto, 2017. p. 71 - 81.

DELLA FLORA, Maristela. **O Brincar da criança com elementos da natureza no espaço do parque na Educação Infantil**. 2019. 192 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Pós-Graduação em Educação, Centro de Ciências da Educação Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/214614/PEED1431-D.pdf?sequence=1>. Acesso em: 21 ago. 2021.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.

GIL, Antonio Carlos. **Como formular um problema de pesquisa?** In: GIL, Antonio Carlos. Como elaborar projetos de pesquisa. São Paulo: Atlas, 2009.

FLORES, Maria Luiza Rodrigues; SOARES, Gisele Rodrigues. “Desemparedar” na educação infantil: o que dizem a literatura e os documentos curriculares nacionais sobre o uso das áreas externas. In: ALBUQUERQUE, S.S. CORSO, L.V. FELIPE, J. (Org.) Para pensar a educação infantil em tempos de retrocessos: lutamos pela educação infantil. Porto Alegre: Evangraf, 2017. p. 100 – 115.

FLORES, Maria Luiza Rodrigues; TIRIBA, Léa. **A educação infantil no contexto da Base Nacional Comum Curricular**: em defesa das crianças como seres da natureza, herdeiras das tradições culturais brasileiras. **Debates em Educação**, [S.L.], v. 8, n. 16, p. 157-183, 30 dez. 2016. Universidade Federal de Alagoas. <http://dx.doi.org/10.28998/2175-6600.2016v8n16p157>. Disponível em: <https://pdfs.semanticscholar.org/7c09/31e8a16e096372bd3f64f11003b937cf1be9.pdf>. Acesso em: 21 ago. 2021.

FLORA, Maristela Della. O Brincar da criança com elementos da natureza no espaço do parque na Educação Infantil. 2019. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Florianópolis, 2019.

GUIMARÃES, Daniela. **Educação Infantil**: espaços e experiências. In: CORSINO, Patrícia (Org.). **Educação Infantil**: cotidiano e políticas. Campinas, SP: Autores Associados, 2006. p. 68 - 77.

LIMA, Patrícia de Moraes. **Infância(s), alteridade e norma**: dimensões para pensar a pesquisa com crianças em contextos não institucionais. *Currículo sem Fronteiras*, v. 15, n. 1, p. 94-106, jan./abr. 2015. Disponível em: <http://www.curriculosemfronteiras.org/vol15iss1articles/lima.pdf>. Acesso em: 31 ago. 2021.

MINAYO, M. C. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. Rio de Janeiro: Vozes, 2010.

MONTEIRO, Janaína de Aguiar; RODRIGUES, Jessica. Os espaços externos como possibilidade de múltiplas experiências na Educação Infantil. *Revista Zero-a-Seis*, vol. 17, n. 32, p. 264-278, Jul./Dez. 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/zeroseis/article/view/1980-4512.2015n31p264> Acesso em: 22 set. 2021.

RICHTER, Sandra R. S. HINTERHOLZ, Beatran. **Brincar com barro na creche: um diálogo pedagógico com Gaston Bachelard e Hannah Arendt**. In: Reunião Regional da ANPEd, 21., 2016, Curitiba. Anais Eletrônicos... Curitiba: ANPEd Sul, 2016. p. 1 - 15. Disponível em: http://www.anpedsul2016.ufpr.br/portal/wp-content/uploads/2015/11/Eixo-5_SANDRA-REGINA-SIMONIS-RICHTER-BEATRAN-HINTERHOLZ.pdf Acesso em: 17 jun. 2021.

ROSA, Ivana Marins. FERREIRA, Manuela. **Ganhar acesso numa etnografia com crianças em espaços públicos abertos: dilemas de confiabilidade em tempos de risco**. In: *Revista Zero-a-Seis*, Florianópolis, v. 21, n.40, p. 249 - 275, set./dez., 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/zeroseis/article/view/1980-4512.2019v21n40p249> Acesso em: 18 jun. 2021.

SANTOS, Zemilda do Carmo Weber do Nascimento dos. **CRIANÇA E A EXPERIÊNCIA AFETIVA COM A NATUREZA: as concepções nos documentos oficiais que orientam e regulam a educação infantil no Brasil**. 2016. 231 f. Tese (Doutorado) - Curso de Pós-Graduação em Educação, Univali Universidade do Vale do Itajaí, Itajaí, 2016. Disponível em: <https://www.univali.br/Lists/TrabalhosDoutorado/Attachments/107/Zemilda%20do%20Carmo%20W.%20N.%20dos%20Santos.pdf>. Acesso em: 07 out. 2021.

SILVA, Ana Cristina Baladelli; ROMAGUERA, Alda Regina Tognini. **Experiências no cotidiano da educação infantil: olhar, dialogar, inventar**. *Revista Zero-a-Seis*, vol. 20, n. 38, p. 412 - 430, Jul./Dez. 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/zeroseis/article/view/1980-4512.2018v20n38p412> Acesso em: 18 jun. 2021.

SIMIANO, Luciane Pandini. **Transver o mundo: Um olhar sobre o lugar dos bebês no espaço da creche**. *Revista Zero-a-Seis*, vol. 18, n. 33 p. 22-31, Jan./Jun. 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/zeroseis/article/view/1980-4512.2016v18n33p22> Acesso em: 22 set. 2021.

SOUZA, Mônica Diniz de. **Espaços/Ambientes de infância e as práticas pedagógicas em educação ambiental**. 2017. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Paraná, Programa de Pós-Graduação em Educação: Teoria e Prática de Ensino (PPGE), Curitiba, 2017.

TIRIBA, Léa. Crianças da natureza. In: SEMINÁRIO NACIONAL: CURRÍCULO EM MOVIMENTO: PERSPECTIVAS ATUAIS, 1., Belo Horizonte, nov. 2010. Anais [...]. Belo

Horizonte, 2010. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/docman/dezembro-2010-%20pdf/7161-2-9-artigo-mec-criancas-natureza-lea-tiriba/file> Acesso em: 23 set. 2021.

TIRIBA, Léa. **Crianças, natureza e educação infantil**. 2005. 249f. Tese (Doutorado em Educação) – Departamento de Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2005.

ZERO-A-SEIS, Revista Eletrônica editada pelo Núcleo de Estudos e Pesquisas da Educação na Pequena Infância Centro de Ciências da Educação- UFSC. Disponível em:<<https://periodicos.ufsc.br/index.php/zerosais/index>> Acesso em: 07 out. 2021.